

Ano 2 Nº 10 «««»»» OUTUBRO, 1998

Acordei meu bem pra lhe contar meu sonho:  
sem apoio de mesa ou jarro eram  
as buganvílias brancas destacadas de um escuro.  
Não fosforesciam nem cheiravam nem eram alvas.  
Eram brancas no ramo, brancas de leite grosso.  
No quarto escuro, a única visível coisa, o próprio ato de ver.  
Como se sente o gosto da comida eu senti o que falavam:  
“A ressurreição já esta sendo urdida, os tubérculos  
da alegria estão inchando úmidos, vão brotar sinos”.  
Doía como um prazer.  
Vendo que eu não mentia ele falou:  
as mulheres são complicadas. Homem é tão singelo.  
Eu sou singelo. Fica singela também.  
Respondi que queria ser singela e na mesma hora,  
singela, singela, comeciei a repetir singela.  
A palavra destacou-se novíssima  
como as buganvílias do sonho. Me atropelou.  
– O que que foi? – ele disse.  
– As buganvílias...  
Como nenhum de nós podia ir mais além,  
solucei alto e fui chorando, chorando,  
até ficar singela e dormir de novo.

Do Grupo Teatral ArtEfato da Idade, aos companheiros  
Sebastião Alves da Costa (1944/1994) e Marlene Dolin Salada (1940/1998).  
Adélia Prado: No Meio da Noite, de Poesia Reunida.

Alma minha gentil, que te partiste  
tão cedo desta vida, descontente,  
repousa lá no céu eternamente,  
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,  
memória desta vida se consente,  
não te esqueças daquele amor ardente  
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te  
alguma coisa a dor que me ficou  
da mágoa, sem remédio, de perder-te

roga a Deus, que teus anos encurtou,  
que tão cedo de cá me leve a ver-te  
quão cedo de meus olhos te levou.

Soneto 9, Luís Vaz de Camões (1517, 1524 ou 1525/1580)

Calco sob os pés sórdidos o mito  
que os céus segura – e sobre um caos me assento.  
Piso a manhã tombada no cimento  
como flor violentada. Anjo maldito,

(pretendi devassar o nascimento  
da terrível magia) agora hesito,  
e queimo – e tudo é o desmoronamento  
do mistério que soffro e necessito.

Hesito, é certo, mas aguardo o assombro  
com que verei descer de céus remotos  
o raio que me fenderá no ombro.

Vinda a paz, rosa-após dos terremotos,  
eu mesmo ajuntarei a estrela ou a pedra  
que de mim reste sob os meus escorbos.

Poema Português 6, José Ribamar Ferreira Gullar

Estrela cadente  
risca de luz  
a negrura da noite.

Carlos Cornejo, Haikai; Folha ao Vento 1 – Outono 98  
(CP 4268, CEP 01061-970 – São Paulo, SP)

Já não mais se vê os melros nos laranjeiras  
já não mais se vê os sabiás nas laranjeiras  
os cachos de banana estão intactos  
não mais se vê os sanhaços  
nos fundos de quintais.  
Uma ou outra solitária pomba rola  
ainda aparece de quando em vez  
revelando assustada a sua timidez.  
O pouco que resta dessa geração  
se acha prisioneiro nas gaiolas  
numa covarde miniatura de prisão.  
Os tatus, os preás, as cotias,  
os ouriços, os gambás e outros mais  
são hoje peças raras.  
E o nosso centenário e altivo jacarandá  
refúgio dos periquitos e das araras?  
Já não mais existe – não  
impiedosamente ceifado  
pelas mãos de um ser que se diz civilizado  
se transformou em pedaços de carvão.

Helvécio Durso, S. O. S.: de Rosário de Trovas, 1997

Talvez que um dia voltes. Nesse dia  
eu terei flores para te ofertar  
e, como outrora, a minha poesia  
será toda vestida de luar.

Esta minha fatal melancolia  
há de, por certo, logo me deixar,  
e sorrindo e chorando de alegria,  
eu farei tudo para te agradar...

Mas quando, revivendo o amor passado,  
– aquele amor que presumi eterno –  
eu te beijar a boca, deslumbrado,

verei que foi em vão a minha espera,  
porque, já velho, eu não terei, no inverno,  
aquele mesmo ardor da primavera!

Athayr Cagnin: Presentimento, de Seixo Rolado, 1982

A morte, essa megera abominável,  
segue meus passos sorrateiramente.  
Para onde eu vou, segue ela, imperturbável,  
em seu determinismo delinquentel.

Luto contra a presença indesejável  
dessa execrável sombra persistente.  
Nada detém sua marcha inexorável!  
Quando penso livrar-me está presente.

Suas gélidas mãos sinto em meu peito  
nestas noites de dor em que ela adeja  
sinistramente em torno do meu leito.

E ao ver que aos poucos vou chegando ao fim,  
peço apenas a Deus que me proteja  
e à minha Virgem Mãe que ore por mim.

Athayr Cagnin: Presságio, de Seixo Rolado, 1982

O eterno manguê  
um caranguejo salta  
rumor de tambores.

Fernando Cereja,  
(Rua Xavier de Toledo 172,  
09010-130 – Santo André, SP)  
Manguê haikai ao chico science

Cachoeiro: um rio. Casas penduradas,  
como se fossem feitas de brinquedo.  
Ruas que sobem para o céu. Folgado  
de crianças brincando, descuidadas.

Ao longe, “O Frade e a Freira”, de mãos dadas,  
sob a cumplicidade do arvoredo.  
Mais próximo, “O Itabira”, ouve, em segredo,  
as velhas juras pelos dois trocadas...

Tudo tão terno e tão amigo! Na ânsia  
de amar coisas tão simples, como é doce  
rever os quadros vividos da infância!

Cachoeiro quanta coisa faz lembrar...  
Cachoeiro, que tristeza se não fosse  
aqui a minha terra, o meu lugar!

Athayr Cagnin: Minha Terra, de Seixo Rolado, 1982

Vejo  
bocas vazias sugando na avidez da fome,  
peitos mirrados onde secou o leite,  
vejo rostos macilentos  
onde a miséria  
traçou um caminho cinzento.

Vejo homens fortes implorando piedade  
porque outros homens  
tolheram suas mãos  
e sufocaram  
o seu grito de dor  
ou de amor...

Vejo crianças tristes  
onde a ausência de humano calor  
paralisa a alegria e a língua.  
Vejo seres humanos  
morrendo à mingua.

Onde estão os outros seres humanos?

Heloisa Helena Troncarelli: Procura-se Humanidade,  
de Sol-Solaris, 1985

Tens a beleza tão suave e pura  
que tudo lembra perfeição divina!  
Se do cabelo fuge a cor escura,  
nos teus olhares o negror domina.

Possuis no corpo tanta formosura  
que o novo encanto só produz rotina,  
o teu semblante faz lembrar ternura  
da natureza, na sutil matina.

Há no teu vulto, gracioso e belo,  
o transformismo do jardim singelo  
que se reveste em primaveras tantas!

E neste misto de beleza e graça  
tens o mistério que a pureza traça  
quando destaca a perfeição das santas!

Hildemar de Araújo Costa: Deslumbramento,  
de Sonetos e Trovas, 1997

Jardim da minha cidade,  
pequenina, tão distante,  
és o marco da saudade,  
do meu tempo de estudante.

Cidoca da Silva Velho, de Cantigas do Entardecer.

Testigos insobornables  
que han crecido hasta volverse adultas  
las palabras nos miran y hablan,  
acumulan vicios y virtudes, pierden prestigio,  
un comercio infame las envilece.

Pero está allí  
con sus exactas sílabas y acentos,  
con su cuerpo herido, con su hueso intacto,  
a la espera del último juicio.

Romualdo Brughetti, Ultimo Juicio:  
de Generacion Poetica Del Treinta  
(Lidia F. Lewkowicz), 1974

Última flor do Lácio, inculca e bela,  
és, a um tempo, esplendor e sepultura:  
ouro nativo, que na ganga impura  
a bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,  
tuba de alto clangor, lira singela,  
que tens o trom e o silvo da procela,  
e o arrola da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma  
de virgens selvas e de oceano largo!  
amo-te, ó rude e doloroso idioma,

em que da voz materna ouvi: “Meu filho!”  
e em que Camões chorou, no exílio amargo,  
o gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Lingua Portuguesa,  
Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865/1918)

Gaya, e tudo que lhe pertence, respeita!  
Respeita a vida. Seja qual for! Todo ser  
alma tem, e à sua maneira sente e ama.

A natureza, alma mater, ama e protege.  
Seu canto, ouve! Com ela dialoga,  
e, sem palavras, aprende.

Dos vis que lumpesinam a Terra;  
afasta-se! Aos vendilhões, repulsa!  
a mais veemente, com justa cólera,  
vota-lhes. E a mais piedosa comiseração.

Nelson Brotto, 1 Purificação, 1ª parte (Gaya, Terra)  
(versão do grego pré-clássico):  
de Pitágoras, Meditação.

As rosas amo dos jardins de Adônis,  
essas volucres amo, Lídia, rosas,  
que em o dia em que nascem,  
em esse dia morrem.

A luz para elas é eterna, porque  
nascem nascido já o sol, e acabam  
antes que Apolo deixe  
o seu curso visível.

Assim façamos nossa vida *um dia*,  
inscientes, Lídia, voluntariamente  
que há noite antes e após  
o pouco que duramos.

Ricardo Reis, de Poemas,  
Antologia de Fernando Pessoa (1888/1935)  
de Cleonice Berardinelli, Nova Fronteira, 1985

Seleção Edson Kendi Iura

## UM TROVADOR EM FOCO – JOSÉ VENTURELLI SOBRINHO –

À noite, perdido o sono,  
a saudade chega, enfim,  
nesse abraço de abandono,  
que os meus braços dão em mim!

Esta trova de saudade, porque saudade é o tema  
preferido deste trovador, é uma das jóias do livro  
“Pequenas Rosas de Amor”, lançado em fins de julho,  
pelo nosso irmão Otávio Venturelli.

Mas vejamos... esta outra trova que, como se vê, nasceu  
no mesmo berço, embalado com o mesmo amor:

Teu vulto meigo e risonho,  
num abraço alegre estreito;  
mas eras apenas sonho...  
e abracei meu próprio peito!

Esta, composta 30 anos antes, é de José Venturelli  
Sobrinho, querido e saudoso pai do nosso Otávio  
Venturelli, de quem o filho herdou a grandeza humana,  
a humildade e a ternura do talento e trovador, os  
olhos de descobrir a beleza, o poema multiforme capaz  
de criar outra vez a nebulosa primitiva e de explodi-la  
em estrelas de poesia, todas de 1ª grandeza.

O velho Venturelli Sobrinho, que jamais deixou de ser

jovem, nasceu em Pedra Branca, hoje Pedralva, em Minas Gerais, numa das primeiras auroras do século XX  
Seu currículo humano, artístico e profissional, é um  
imenso rosário de honras e glórias. Entre quase uma  
centena de títulos a que fez jus, vejamos apenas alguns:

- Cidadão Carioca e Cidadão Pousoalegrense
- General do Exército
- Engenheiro, jornalista, professor, aviador, condecorado pela FEB, laureado em poesia pela Academia Brasileira de Letras;
- Com prêmios em música, em escultura, em desenho e pintura; foi cognominado o “Políartista”, o “Poeta-Soldado Brasileiro”.
- Publicou vários livros – e nesse turbilhão de vida e de artes, ganhou um dos seus maiores prêmios... o de ter sido um dos mais inspirados trovadores brasileiros.

Com trovas maravilhosas, como estas:

No templo da natureza,  
ao torpor das noites quietas,  
a Lua é uma hósta acesa,  
para a comunhão dos poetas!

Inspirações, para tê-las,  
um poeta apenas requer:  
no céu, a Lua e as estrelas,  
na Terra, o amor e a mulher!

Neste trajeto, onde escolhos  
se afixam em desenganos,  
feliz de quem tem nos olhos  
a alegria dos vinte anos!

Tudo é festa quando assomas  
e com festas me seduzes:  
teu corpo, festa de aromas,  
teus olhos, festa de luzes!

Depois que te vi, beleza,  
eu me senti tão disposto,  
que entrei minha tristeza  
na covinha do teu rosto!

Tens muito do que idealizo,  
no teu encanto moderno;  
serias meu paraíso,  
se não fosses meu inferno!

Guerreiros de altas conquistas,  
nos calores da emoção,  
meus lábios são veranistas  
à espera do teu verão...

Quando o meu amor confina  
com o teu, beleza nua,  
bebo volúpia divina,  
mas a sede continua...

Neste viver excecando,  
de um contraste negro e atroz  
vivemos sempre chorando  
por quem não chora por nós!

Menina, boião de rosa,  
que na alegria viceja,  
tua cabeça cheirosa  
perfuma a brisa que a beija!

Os encantos tentadores,  
meigas armas de dois gumes,  
nas mulheres ou nas flores,  
depende dos seus perfumes!

Nesta existência diluída  
no infinito resplendor,  
o amor, que é a vida da vida,  
tem a vida de uma flor!

Entre a ventura e a desgraça,  
vejo, entre alegre e tristonho,  
que o amor é um sonho que passa,  
quando não passa de um sonho!

Como a tristeza e a saudade  
são a noite da alegria,  
não existe claridade  
que não se apague algum dia!

Teus passos eu sigo a esmo,  
numa atração que me assombra,  
deixando de ser eu mesmo,  
para ser a tua sombra...

No bosque de estrelas e ermos  
que, enlavados, contemplamos,  
convido-te a no perdemos,  
uma vez que nos achamos!

Faltavas em minha vida  
e procurar-te era em vão,  
porque estavas escondida  
dentro do meu coração!

...e, além das provas de amor pela  
minha amada, a realização maior da  
felicidade de toda um existência em  
busca da verdadeira ternura... e do  
eterno:

Não existe maior glória,  
nem glória de maior brilho,  
que o de alcançar a vitória  
da posse amada de um filho!

José Venturelli Sobrinho,  
o velho trovador;  
Otávio Venturelli,  
multiplicando a herança do pai!

Resumo da palestra feita na reunião de  
08.08.98 da União Brasileira dos  
Trovadores – Seção São Paulo, SP, no  
Clube Português de São Paulo, pelo  
trovador Zaé Mariano Carvalho do  
Nascimento Júnior.

